

# TOM FOX

CHRISTVS VINCIT

CH... NAT

CH... AT

CHRISTVS MALO

PLE... AM

DEFENDAT

# DOMINUS

MILAGRE DIVINO OU CONSPIRAÇÃO MORTAL?



«Uma estreia envolvente  
com o ritmo vertiginoso  
de um romance de  
Dan Brown.»



TOP  
SEL  
LER

*Para o Alex e para a Megan,  
que me fazem sempre perguntas  
encantadoramente provocadoras*

«Eis que ele vem das nuvens. Toda a gente o verá, até mesmo os que o mataram. Todos os povos da terra se lamentarão por ele. Assim há de ser. Ámen!»

Apocalipse 1:7

«Mas estejam atentos, porque eu chego de repente como o ladrão. Feliz aquele que está de vigia...»

Apocalipse 16:15

**PRIMO**

# Capítulo 1

## Basílica de São Pedro, Cidade do Vaticano: domingo, 8h22

Ele não desceu dos Céus com trompetes. Os anjos não começaram a cantar. O Sol não escureceu, e a estrutura da antiga basílica permaneceu incólume.

Entrou devagarinho, sem fanfarra, embora a cada passo que desse o mundo começasse a mudar.

Não que a sua aparência exterior desse qualquer indicação do que estava para vir. Um homem despretenhoso com calças de ganga gastas. Uma camisa cinzenta, ligeiramente amarrotada. Os sapatos moderadamente estafados. Ele dava tudo menos nas vistas.

Mais tarde, ninguém conseguia lembrar-se de o ver entrar na Basílica de São Pedro. Nem um, dos milhares que ali se juntaram, o viu passar pela ampla porta ocidental, nem entrar no grande espaço concebido para refletir a reunião gloriosa do Céu e da Terra. A única coisa de que se lembravam foi da maneira como a sua caminhada silenciosa lhes tinha chamado a atenção quando já se encontrava entre eles.

Mas da sua atitude, ali no coração secular da Cristandade, lembravam-se de cada detalhe. A maneira como se deslocava calmamente pela nave central durante a Missa Solene pontifícia. A maneira como homens e mulheres se tinham inconscientemente afastado para lhe abrir caminho, enquanto os seus filhos tentavam chegar a ele, inexplicavelmente atraídos. A maneira como todos fizeram silêncio quando ele se aproximou, e como os seus olhares se demoraram nele, enquanto se deslocava. Lembravam-se disso.

A sua postura mostrava determinação, embora caminhasse despreocupadamente pelo meio da multidão. O cabelo com apenas

alguns centímetros de comprimento, ligeiramente ondulado e com tons de castanho-dourado, parecia estranhamente claro na luz alaranjada da igreja antiga. Ao deslocar-se na direção do grande baldaquino de Bernini, os seus olhos olhavam em frente. Suaves e serenos, mas fortes.

Todos se lembravam dos seus olhos.

Na outra extremidade da nave de 211 metros, estava o celebrante principal da missa, todo de branco refletindo a luminosidade, dobrado sobre o altar-mor. Embora a sua debilidade corporal transmitisse a mensagem eficazmente por si só, o magnífico trabalhado de bronze por cima dele reforçava o facto de que, apesar de toda a fama e poder mundanos do pontífice, era, mesmo assim, uma figura menor perante a majestade de Deus.

Estava rodeado por dois cardeais concelebrantes, e entre eles e ele estavam os habituais auxiliares que iam para todo o lado com o Papa atormentado pela doença, segurando pelos cotovelos a sua figura torcida nos momentos do culto que exigiam que ele estivesse de pé. Estava longe de ser um idoso, mas o tipo específico de estenose espinhal de que sofria desde criança tinha-o deixado permanentemente desfigurado e incapaz de estar de pé sem ajuda. Os efeitos crónicos dessa enfermidade, contudo, nunca lhe tinham enfraquecido o espírito. Apenas o tinham fortalecido, e o homem que os *media* tinham denominado com crueldade «o Papa aleijado» era tanto mais amado pelo seu rebanho, quanto mais fraco era o corpo que lhe tornava as suas convicções espirituais interiores tão evidentes.

O Papa e os seus auxiliares tinham ao seu lado um conjunto de padres e uma coorte completa de servidores engalanados com as suas roupagens litúrgicas mais vistosas. Atrás deles, em estrados especialmente construídos para o efeito, os elementos do coro da Capela Sistina enchiam o espaço com o latim angélico do *Sanctus*. Os próprios anjos — havia mais tarde de lembrar uma idosa — não conseguiriam produzir um som mais glorioso do que aquele.

*Sanctus, Sanctus, Sanctus*

*Dominus Deus Sabaoth...*

*Benedictus qui venit in nomine Domini.*

*Santo, Santo, Santo,  
 Senhor Deus do universo...  
 Bem-aventurados os que vêm em nome do Senhor.*

O estranho dirigiu-se lentamente para a frente.

O Papa levantou os olhos dos instrumentos do sacrifício sem sangue — o cálice e a patena de ouro martelado — com o seu rosto refletindo a glória que sentia em cada celebração do culto sagrado. Podia ver-se claramente, quando levantou o pescoço dorido e olhou para os fiéis, com os olhos cor de avelã a refletirem os reflexos do vinho carmesim do cálice, que o herdeiro da função do Apóstolo Pedro estava completamente absorvido no sacrossanto rito litúrgico.

Só quando olhou por cima do seu rebanho é que o pontífice viu a aproximação do estranho pela primeira vez.

Foi, então, que o inexplicável começou a acontecer.

À frente da fila de cadeiras na nave central da basílica, logo a seguir às cordas vermelhas que mantinham os fiéis a uma distância respeitável das eminências clericais, os vívidos uniformes cerimoniais azuis, vermelhos e laranja da Guarda Suíça formavam uma meia-lua à frente do altar-mor. Os homens dentro dos uniformes, que pareciam saídos de um carnaval renascentista, figuravam entre os elementos de proteção militar mais devotados e mais bem treinados do mundo.

Quando o estranho se aproximou da periferia, os guardas eram o último corpo antes do baldaquino e dos clérigos que se encontravam por baixo dele. Por tradição e honra, bem como pelo juramento que cada um tinha feito aquando da contratação no Cortile di San Damaso, não permitiriam que ninguém passasse a linha que constituem. A santidade suscitava reverência, mas também ódio, e durante séculos as fileiras da Guarda Suíça tinham garantido que, pelo menos em termos práticos, o ódio não vencesse o amor.

Contudo, o estranho continuava a aproximar-se, tornando-se claro que o caminho que tencionava seguir não terminava na extremidade do cordão de segurança. Os dois guardas mais próximos da nave central retesaram-se, as suas posições bloqueando-lhe o trajeto, as mãos apertando com segurança as alabardas cerimoniais. Por trás

do homem que se aproximava, era como se toda a basílica tivesse ficado em silêncio e suspensão. O espaço estava eletrizado com atenção. Milhares de olhos fixavam-se neste homem, totalmente fascinados.

O estranho desacelerou o passo, parecendo flagrantemente ainda mais deslocado nas suas calças de ganga ao abeirar-se dos antigos uniformes erradamente atribuídos a um modelo feito por Miguel Ângelo. Parou a apenas alguns metros dos guardas. Não disse nada. Os seus olhos fixados apenas no Papa, por trás daqueles homens, alguns degraus acima.

Firmes como esteios, os guardas ficaram rígidos, com a devoção e o treino incansável a chamá-los ao seu dever sagrado.

E foi então, quando o estranho parou à frente deles, que se ajoelharam.

Todo o esquadrão de soldados de elite, as forças militares efetivas do Vaticano, se ajoelhou em uníssono quase perfeito. Os dois guardas mais próximos do estranho desviaram-se para o lado, em atitude deferente e respeitadora, permitindo-lhe a livre passagem.

Ouviram-se suspiros abafados vindos da multidão quando o estranho retomou o seu avanço, caminhando suavemente em volta da cripta de São Pedro. Alguns passos depois, começou a sua subida para o altar-mor.

O corpulento maestro do coro vestido de vermelho olhou por cima do ombro, em choque, virando em seguida as costas ao grupo que dirigia. Os braços ainda estavam suspensos na sua pose habitual quando por trás dele o coro hesitou e depois emudeceu.

A súbita ausência de som na basílica era esmagadora. Os passos do homem ouviam-se agora nitidamente, ecoando pelo espaço hipnotizado, enquanto subia os degraus finais.

Ficou finalmente olhos nos olhos com o Santo Padre, que estava do outro lado do altar. O corpo do Papa estava dobrado para a sua direita, com os seus assistentes a agarrarem-lhe a parte superior dos braços com firmeza para o apoiarem. Ele manteve-se estático no seu lugar, a ponta dos dedos ainda tocando no cálice cintilante, e os olhos presos nos do estranho.

— Quem és tu? — perguntou na sua voz trémula, mas sonora e familiar.



O homem olhou tranquilamente nos olhos do pontífice. Enquanto o povo havia de lembrar o mistério do silêncio que encheu o vasto espaço durante este longo olhar entrecruzado, o Papa havia de recordar que tinha sido como se estivesse a olhar para a eternidade, com o seu coração cheio da mesma sensação de deslumbramento e majestade que tinha antes experienciado ao observar as ondulantes ondas do mar, enquanto contemplava a vastidão da glória de Deus.

Depois, com voz suave, estendendo as duas mãos viradas para cima, o estranho falou finalmente.

— Não me conheces, Pedro?

A basílica encheu-se de expressões sonoras de espanto. A quietude deu lugar a uma onda de sibilante tensão quando a resposta do homem foi sussurrada pelas filas dos fiéis. Os visitantes ocasionais que povoavam a multidão esforçavam-se por compreender o que significava, mas o significado das palavras só era claro para os homens e mulheres de fé. Claro e explosivo. Pedro era o nome do primeiro sumo pontífice — o homem que tinha negado Cristo três vezes.

Estas eram palavras que o Salvador diria aos seus.

Os flashes das máquinas fotográficas começaram a relampejar às centenas. No entanto, o Papa mantinha o seu olhar fixo nas mãos estendidas do estranho. Os olhos pontifícios encheram-se de lágrimas inesperadas.

— Meu servo fiel — disse o estranho um momento mais tarde, com uma voz intensa e estranhamente apaziguadora. Pousou uma das mãos no ombro trémulo do pontífice. O assistente que segurava o braço direito do pontífice agarrou-o com mais força, mas o estranho manteve o seu olhar suave no Santo Padre, sem qualquer vestígio de ameaça. — Não tenhas medo. Sou eu.

Os olhos do Papa eram como vidro, a sua respiração fraca. À distância, as últimas palavras do estranho tinham sido ouvidas e o seu conteúdo ainda mais direto incendiou os fiéis, que tiravam fotografias com as suas máquinas fotográficas, filmavam a cena com os seus telemóveis, dezenas deles caindo de joelhos, a rezar. As dezenas tornaram-se uma centena, e uma centena tornou-se duas. Mas o pontífice olhava fixamente na cara do estranho. Todo o seu corpo tremia.

E então deu-se o milagre.

— Tu és um homem de fé — disse o estranho suavemente ao Papa —, e a tua fé curou-te.

Estendeu o seu outro braço, pegou nas mãos dos dois assistentes que seguravam os ombros do pontífice e afastou-as suavemente. Eles apenas resistiram um momento, deixando depois silenciosamente o homem retirar-lhes as mãos do seu fardo.

O Papa ficou de pé, sem apoio e dobrado, hesitante.

— Levanta-te, Pedro — disse o estranho. — O que estava torto ficou direito.

O Papa olhava fixamente para ele, com os olhos arregalados. Respirou fundo. Engoliu.

E depois o Santo Padre manteve-se de pé por si só pela primeira vez na sua vida.

Nenhum dos dois homens pareceu notar os gritos de espanto dos cardeais e clérigos que os rodeavam, ou das massas boquiabertas que estavam por trás deles, quando a multidão testemunhou a cura do seu líder espiritual.

Os olhos do Papa ficaram vidrados com uma película de admiração e gratidão.

Com a sua mão direita, o estranho levantou o cálice de ouro e voltou a colocá-lo na mão do Papa, certificando-se de que estava bem seguro.

— Agora, Vossa Santidade acabará o que veio aqui fazer.

Sem dizer mais uma palavra, contornou o altar para a esquerda do pontífice e sentou-se num dos lugares clericais por trás dele.

Depois, fechando os olhos e cruzando as mãos calmamente em cima das suas calças de ganga, o estranho começou a rezar.

### **Freguesia de Fidene, Roma: 8h36**

Seis quilómetros a norte, numa curva fechada e isolada do rio Tibre, um corpo flutuava na água fria com a cara voltada para baixo. O seu cabelo dourado agitava-se de forma quase bela na suave corrente. A esta hora tão matutina, ninguém lamentava a sua ausência. Ninguém andava à sua procura. Ninguém sequer sabia que ele tinha desaparecido.

Em menos de 48 horas, toda a nação havia de conhecer a cara do homem. Daria origem a controvérsia. Incitaria raiva e desconfiança e suscitaria gritos de fraude. Viria a abalar a fé numa escala impensável.

Mas neste momento o cadáver andava solitariamente à deriva no rio com a cara escondida nas águas turvas. O assassinato que tinha tirado a vida ao homem era uma coisa do passado, e as correntes que tinha nos tornozelos eram insuficientes para submergir o cadáver como o assassino tinha esperado. E, assim, o cadáver flutuava persistentemente em direção ao centro da cidade. Como se soubesse que mais estava para vir.

## Capítulo 2

Sede do jornal *La Repubblica*, Roma: 9h28

O fumo prateado subia em círculos com as suas gavinhas a dobrarem-se sobre si próprias em plumas que se dissipavam lentamente no ar estagnado. As que desciam chegavam às unhas, à pele e ao nó do dedo, acariciando a carne e deixando a sua marca inconfundível: amarela e leve, um indício de alcatrão e respiração solidificados.

*O problema do fumo eram os malditos dedos amarelos.*

Com os anos, Alexander Trecchio tinha experimentado mil posturas diferentes de segurar os seus *MS Filtro* favoritos nas mãos para evitar o recuo do fumo e a acumulação amarela e pegajosa que invariavelmente se formava em volta dos nós dos dedos, mas nada funcionou. O médico já lhe tinha dito ainda mais vezes do que isso que a pele amarelecida era a menor das suas preocupações. Mas Trecchio era um homem que baseava as suas ações, e especialmente os seus hábitos, em factos concretos. A possibilidade de enfisema ou uma longevidade mais curta era assustadora, mas descartavelmente hipotética. Pelo contrário, o facto de os dedos estarem amarelos era incontornável.

Deu uma longa passa pelo papel fino e pelo tabaco bem apertado, com os olhos fechados. Observou o carvão vermelho queimando um rastilho pelos fragmentos desfeitos e secos de folha curada e o fumo seguindo o seu serpenteante caminho pelo seu canal, precipitando-se ao seu encontro. Quando o sabor familiar lhe passou pelas papilas da língua e para dentro dos pulmões, Alexander percebeu que na verdade não queria mesmo saber das inconveniências, nem sequer dos dedos. O seu vício era uma coisa pequena que lhe dava conforto e tranquilidade quando pouco mais o fazia. E ele aceitava-o assim.

— Chegaste atrasado na semana passada.

*Por falar em coisas que trazem pouco conforto ou tranquilidade.*

A voz irritante de *chihuahua* do editor de Alexander quebrou a serenidade do momento. Manteve o fumo nos pulmões mais tempo do que o costume, na esperança de que quando exalasse, o homem se evaporasse com ele. Mas a sorte não estava com Alexander Trecchio esta manhã. Os domingos traziam bênçãos e paz a muitos, mas raramente ao pessoal do jornal que preparava a edição de segunda-feira de manhã.

— Sabes quais são os prazos de entrega. Estás a dez metros do meu gabinete — continuou Antonio Laterza, como um rato a latir. Alexander abriu os olhos e olhou fixamente para o homem.

Laterza era de estatura mediana, bem-constituído, bem-apegoado e com todos os sinais de estar completamente obcecado com a sua aparência física. O seu cabelo castanho caía de forma cuidada na direção do pescoço, com remoinhos fixados com spray e pontas aclaradas para garantir que as madeixas e tons de luz contrastavam tão intensamente dentro de portas como no exterior. O fato que trazia compensava uma constituição física mediana com um estilo bem acima do médio: um monumento imaculado à alta-costura, em seda castanho-clara, sublinhado com um cinto e sapatos a condizer — vestígios caros do crocodilo que foram em tempos.

Jovens de 27 anos endinheirados, ambiciosos e com assinaturas da revista *GQ*: se viessem embalados em vácuo e pré-fabricados, parecer-se-iam com Antonio Laterza.

— Não tens desculpa nenhuma, Alexander — continuou o homem polido. A sua expressão e tom eram reprovadores, como um pai a ralhar. Isto apesar do facto de ser mais de década e meia mais novo do que Trecchio.

— Tinha de confirmar alguns factos.

— É por isso que te damos sete dias. Não estás a escrever uma coluna diária, *coglione*. Que diabo andaste a fazer toda a semana?

Alexander deu outra passa no cigarro que ia murchando e expirou o fumo ostensivamente na direção de Laterza, ignorando o insulto italiano sobejamente utilizado. Já lhe tinham chamado coisas piores do que um par de testículos. A verdade é que Alexander não fazia ideia do que tinha andado a fazer toda a semana. A falar com um padre ao

telefone? A analisar os registos financeiros de uma paróquia local? Pesquisando a cronologia do *Facebook* de um animador social inconsequente como um obcecado. Talvez uma destas opções. Talvez todas. Era tudo a mesma coisa e tudo tão *chato*.

— Tinha de confirmar umas fontes — disse ele finalmente, arrancando uma desculpa que soasse a plausível. Era bom nisso, resultado de anos de treino. E havia sempre muitas à escolha. — Sabes que de vez em quando é preciso.

— Tretas.

Laterza lança-lhe um olhar furioso. Alexander sabia que não o convencia, mas também sabia que o editor excessivamente perfumado e desmedidamente ambicioso não o podia despedir. Os assuntos religiosos não eram propriamente uma secção do jornal pela qual os repórteres se digladiassem para conseguirem alguns centímetros da coluna da página 11 a que o trabalho dava direito. E Alexander tinha duas importantes vantagens: tinha feito uma história importante anos antes que provara que não era completamente inútil e era um velho amigo do dono do *La Repubblica*, Niccolò Marre. O seu emprego era tão seguro quanto os empregos deste setor podiam ser.

— Andas a ficar preguiçoso — continuou Laterza.

A sua face ostentava algo que se aproximava do despeito adolescente, e Alexander questionava-se agora, como fazia com mais frequência ultimamente, se as pessoas de vinte e tal anos estavam a ficar mais novas ou se era ele que estava a ficar mais careta. Com 44 anos não era assim tão velho, mas comparado com Laterza, Alexander sentia-se pré-histórico.

— Não tens ambição e o teu trabalho está saturado — bufou o Laterza.

— Mesmo assim publica-lo todas as semanas. Roma não é Roma sem a Igreja, e um jornal de Roma não vale nada sem umas colunas de reportagens sobre escândalos do Vaticano. Especialmente o *La Repubblica*.

Isto soube-lhe bem. Responder com algumas alfinetadas àquela atitude rebaixante, especialmente se conseguisse fazer parecer que o homem não sabe do seu próprio mister. Desde que Eugenio Scalfari fundou o *La Repubblica* em 1976 que o jornal tinha reputação de ser

um crítico acérrimo da Igreja Católica. Não era um jornal que fosse desistir das reportagens religiosas, por muito vistas que estivessem.

— Aquela história por que nos fizeste esperar na semana passada — desdenhou o Laterza por sua vez. — Duas paróquias com sobreorçamentação nas suas despesas de renovação. *Sobreorçamentação*. Achas que isso conta minimamente como escândalo no Vaticano? Achas que os nossos leitores querem saber desses disparates?

Gesticulava amplamente ao falar, levantando a voz a ponto de gritar, o que fazia estrategicamente com frequência. Pretendia claramente que o ralhete fosse notado por todo o escritório, embora poucos para lá da divisória do cubículo estivessem a prestar atenção à troca de palavras.

Alexander suspirou, afundou-se na sua cadeira e puxou o cigarro para si. Estaria muito mais disposto a brigar, a ripostar energicamente e a retaliar se lá no fundo não concordasse com as questões levantadas pelo miúdo. Ninguém queria saber destas histórias, muito menos ele. Alexander tinha entrado para o jornal não por causa do seu zelo, mas pela sua disponibilidade. Não se pode dizer que um homem a caminho dos 40 anos e aproximando-se da meia-idade, com duas licenciaturas em teologia e uma curta carreira como pároco, estivesse primorosamente preparado para o século XXI. Quando finalmente renegou o colarinho branco e abandonou a vida para a qual se tinha preparado desde a infância — desiludido com o conflito inconciliável entre uma instituição que devia ser santa e os homens que a dirigiam, que bastas vezes eram tudo menos isso — tinha-se deparado com um conjunto limitado de opções. Ele não era um programador que deixava a *Apple* para ir para a *Google*. Era um padre que saía da Igreja para um mundo que, a cada ano que passava, tinha cada vez menos certezas quanto ao que a Igreja representava e que estava cada vez mais convencido de que era anacrónica, desligada da realidade e irrelevante.

Mas Alexander tinha sido sempre um bom comunicador. Desde que não tivesse como objetivo as áreas de grande visibilidade ou competitivas do jornalismo — o tipo pelo qual os jornalistas de vinte e tal anos lutavam e a que os repórteres mais velhos se agarravam com unhas e dentes — o jornal era uma opção viável. Junte-se-lhe o ângulo jornalisticamente sexy do ex-padre ressentido e seria o candidato

certo para a secção Vida Eclesiástica do *La Repubblica*, que, no fundo, mais não era do que uma coluna de coscuvilhice sobre o que quer que conseguissem desenterrar das entranhas obscuras dos assuntos eclesiásticos correntes.

E pronto. Durante três anos tinha vasculhado os limites mais baixos daquilo por que a atenção humana podia ser persuadida a interessar-se. Sim, ocasionalmente havia escândalos sexuais, e a eleição de um novo Papa, que tinha ocorrido apenas 11 meses antes, e estes assuntos traziam sempre agitação e atenção. Mas o resto do tempo... o resto do tempo apenas podia aspirar a atingir um cume «moderadamente interessante» no seu trabalho. E a maior parte dos dias estava perfeitamente disposto a sentar-se na base dessa montanha, importando-se tanto com estas coisas como o leitor habitual do jornal.

Levantou o olhar vazio da secretária. Para sua infelicidade, o seu editor ainda lá estava. Alexander esperou pela seguinte rajada de insultos coreografados, mas a cara vermelha de Laterza estava lentamente a voltar à cor normal. Por instantes, parecia uma criança a quem os pais tinham dito que tinha de fazer qualquer coisa boa pelo rapaz que vivia ao lado, embora ele preferisse atá-lo a uma árvore e roubar-lhe a bicicleta.

— Vou atribuir-te um trabalho, Trecchio.

As palavras saíam como se Laterza sentisse repugnância em dizê-las.

Alexander estava surpreendido. A Direção do jornal normalmente preferia que fosse ele próprio a encontrar as suas histórias.

— Que tipo de trabalho?

Laterza franziu o sobrolho.

— Aconteceu qualquer coisa na Basílica de São Pedro — qualquer coisa que tem que ver com o aleijado a pôr-se de pé. Há uma grande agitação na Internet desde o fim da missa desta manhã. De certeza que já soubeste de alguma coisa.

— A agitação na Internet não tem grande utilidade para mim — respondeu Alexander. — Para mim é o derradeiro bastião dos idiotas e da coscuvilhice.

— Tudo bem, mas esses idiotas e coscuvilheiros têm andado aos saltos nas últimas duas horas e o alvoroço está a alastrar. — Laterza



deitou-lhe um olhar de pena. — Alguns gravaram vídeos. Estou certo de que até tu consegues fazer uma história com isso.

### Vaticano: 9h31

— Tranquem as portas. Já!

A voz do Cardeal Secretário de Estado Donato Viteri era intensa e ressonante. Há 23 anos que tinha esta função, a mais alta do Estado da Cidade do Vaticano depois da do pontífice, tendo passado pelos reinados de três Papas diferentes. O homem alto de ombros largos era conhecido por não ser nem simpático nem verboso: o tipo de administrador clerical mais velho, que quem conhecia o Vaticano considerava da velha guarda e as multidões de fiéis de todos os outros sítios raramente viam. Viteri era um homem cuja espiritualidade era interior, nunca chegando à superfície em demonstrações de piedade ou reverência explícita — um prelado que se sentia mais à vontade atrás de uma secretária do que de um altar, que rezava com o mesmo tom pragmático com que dirigia as reuniões ou supervisionava as funções políticas. Dizia ocasionalmente que o seu amor pela Igreja se manifestava na maneira prática, incansável e assertiva com que supervisionava os assuntos da mesma. Não dava sermões, mas ordens, e quando falava, esperava ser obedecido.

— Que portas?

Christoph Raber, o Comandante da Guarda Suíça, estava junto dele, ainda com as coloridas vestes cerimoniais que usara durante a missa que tinha acabado apenas minutos antes. Com o posto de *Oberst*, coronel, o mais elevado de todos os postos na Santa Sé e detido por apenas um homem, Raber era um oficial entroncado com puro músculo a cobrir os ossos firmes que nem os tufos da vestimenta formal conseguiam fazer parecer menos imponente. Na hierarquia do Vaticano, só o Papa e o próprio Cardeal Viteri podiam dar ordens a Raber.

— Todas — respondeu o cardeal, completando a sua ordem.

Uma pausa longa e estranha. Mas lá está, pensou Raber consigo próprio, tudo nessa manhã tinha sido estranho. O Comandante,

apesar da sua longa experiência, ainda não se tinha recomposto completamente da missa.

— Todas?

Viteri repetiu a ordem com a voz a denotar uma determinação que não estava aberta a discussão. Pousou os olhos idosos diretamente em Raber. Neste momento, não eram as janelas robustas de uma alma inabalável que todos conheciam. Os olhos castanhos do cardeal estavam preocupados, com os sulcos profundos dos cantos a parecerem trincheiras, como se a gravidade da sua ordem tivesse afetado na mesma medida autor e recipiente.

A própria expressão do *Oberst* Raber só denunciou surpresa durante uma fração de segundo. Tinha tido demasiados anos de treino para permitir que se prolongasse mais tempo. Mas no seu íntimo, a surpresa do comandante era avassaladora. Em todas as suas décadas de serviço, nunca tinha sido emitida tal ordem.

— Toda a basílica?

A Basílica de São Pedro era uma estrutura vasta. Construída de acordo com os padrões engrandecedores de um Papa que tinha inadvertidamente promovido a Reforma Protestante ao tentar pagá-la vendendo indulgências às massas; estendia-se por mais de dois hectares, com mais de 15 000 metros quadrados de superfície e um dos maiores recintos de culto do planeta, onde o percurso desde a porta principal até à capela-mor se prolonga por mais de 200 metros sob tetos majestosos e dourados. E embora algumas partes da basílica tivessem estado ocasionalmente fechadas ao público e a clérigos menores, era inaudito que todo o complexo estivesse fechado. A Basílica de São Pedro era o coração da cristandade, a sede do reino de Deus na Terra, e as suas portas não deviam fechar-se até ao fim dos tempos.

— Não — respondeu o Cardeal Viteri —, da basílica não.

Apesar de se esforçar por ser estoico, Raber sentia a expressão da sua cara mudar. Até a lendária compostura suíça tinha os seus limites. Se o Cardeal Secretário de Estado não se estava a referir à basílica, então Viteri só podia querer dirigir a sua ordem para uma coisa.

— Vossa Eminência quer dizer o... — a voz do Raber sumiu-se.

— Todos os portões. Todas as ruas. Todas as entradas — confirmou o Cardeal Viteri.

Colocou uma mão envelhecida no ombro do comandante com o anel episcopal dourado a tremeluzir debaixo da luz alaranjada da basílica. A mão de Viteri era tão firme como o seu olhar.

— Tira o resto das pessoas daqui — disse ele fazendo um gesto indicando os fiéis e turistas que ainda enchiam a igreja — e depois fecha o Vaticano.

## Capítulo 3

### Polizia di Stato, 16.<sup>a</sup> esquadra de Monteverde, Roma: 9h34

A 16.<sup>a</sup> esquadra de Monteverde da Polizia di Stato italiana é um edifício pouco inspirador, localizado no meio de um bloco residencial numa zona urbana perto do centro da cidade. A maior parte das pessoas passa por lá sem se aperceber de que a fachada discreta esconde um dos departamentos de Polícia mais ativos de Roma, com os seus membros a trabalharem concertados com os Carabinieri e a Guardia di Finanza para completar a infraestrutura local do fantásticamente complexo sistema de policiamento nacional de Itália.

Nas entranhas da esquadra, num gabinete ainda menos inspirador do que o edifício onde se situa, a Inspetora Gabriella Fierro dá um longo suspiro de frustração. A secretária metálica a que se encontrava sentada era produzida em série, e dizer que privilegiava a funcionalidade sobre a forma seria um eufemismo espetacular. Era feia, tal como o eram as prateleiras metálicas tortas numa das paredes e os dois armários metálicos noutra, todos parecendo que estavam gastos e exaustos desde o dia em que foram feitos. Não havia janelas, e Gabriella nunca se tinha dado ao trabalho de decorar as paredes com placas comemorativas ou pósteres. Nunca tinha valido o esforço. Ninguém vinha ter com a Inspetora Fierro para ser impressionado com credenciais. Na verdade, poucos entravam sequer no seu gabinete. E o que era feio era feio, mesmo que se lhe pusesse um póster por cima.

Gabriella olhou para baixo para o seu minúsculo relógio *Bulova*, um dos poucos luxos na sua vida bastante desinteressante. O estômago estava a dar horas. Para as pessoas normais faltavam poucas horas para o almoço, mas ela sabia que não teria essa sorte. Hoje não.

Se tivesse tempo para almoçar de todo, isso teria de acontecer muito mais tarde. Estava enterrada debaixo de uma montanha de papelada que faria o próprio Atlas encolher-se, e sempre que conseguia diminuí-lo um pouco, o seu repugnante supervisor, o comissário-adjunto Enzo D'António, encarregava-se de reconstituir o monte.

Ia ser um dia muito, muito longo.

Gabriella Fierro estava na Polizia di Stato há mais de quatro anos, e todos eles tinham sido uma batalha constante com o chefe. Quando inicialmente saiu do estatuto de cadete, D'Antonio tinha-a mantido no posto mais baixo de agente muito mais tempo do que teria sido normal. Durante uns tempos, Gabriella questionou-se sobre se ia reformar da Polícia no mesmo posto com o qual tinha entrado, mas a determinada altura, D'Antonio concedera-lhe a promoção, forçado a isso, quando um caso que ela tinha conduzido dois anos antes tinha feito manchetes nos órgãos de comunicação nacionais. Ele tinha-lhe dado esse processo como um caso menor e uma perda de tempo — um presente envenenado destinado a humilhá-la e frustrá-la. Mas, às vezes, os presentes surpreendem quem os dá. O caso, afinal, esteve nas parangonas dos jornais: escândalos financeiros na Igreja e um cardeal assassinado do outro lado do Atlântico. O seu supervisor não tinha conseguido impedir que ela mostrasse o seu mérito com o caso, mas tinha-lho reconhecido de má vontade.

A origem da animosidade de D'Antonio para com ela permanecia um mistério para Gabriella, embora tivesse as suas suspeitas. O facto de ela ser mulher incomodava-o claramente, de uma maneira previsivelmente misógina. Só isso seria provavelmente o suficiente para explicar a sua hostilidade — uma mulher a atrever-se a pisar em território de homens. Acrescente-se a isso o facto de ela saber que era bastante bem-parecida e as coisas ficavam pior. Se tinha de ser mulher, pelo menos podia ter feito a cortesia a D'Antonio de ser uma mulher feia, na mesma medida em que ele o era, enquanto homem. E depois havia o facto de ela ter sido educada como católica fervorosa e de assim ter conseguido permanecer em adulta. Um indivíduo tão abertamente hostil a qualquer tipo de crença como era D'Antonio nunca poderia considerar a sua fé como um ponto forte a seu favor.

Talvez fosse o conjunto de todos estes fatores; ou talvez fosse qualquer coisa totalmente diferente. O facto é que a única coisa certa era que o comissário-adjunto da 16.<sup>a</sup> esquadra de Monteverde detestava a sua inspetora subordinada e não se dava ao trabalho de o esconder.

Por exemplo, o facto de ela estar hoje no gabinete. Gabriella tinha visto ser-lhe atribuído o horário de domingo, todas as semanas, desde há dois anos. Não era nenhuma coincidência. Ir à missa ao domingo — uma tradição que lhe era querida — tinha-se tornado apenas uma memória, apagada da sua experiência presente pelo seu chefe. Tinha agora de se contentar com ir à missa aos dias de semana e nos intervalos de almoço de domingo, quando isso era possível, e refletir calmamente sozinha. Geralmente, sobre apertar o pescoço ao chefe. Embora de vez em quando tentasse rezar.

Hoje, se quisesse ter essa oportunidade, ia ter de se pôr a trabalhar a sério e concentrar-se no trabalho extra. E isso queria dizer ignorar a tagarelice que estava mais barulhenta do que o costume na cozinha/sala de café da esquadra, que ficava mesmo ao lado do seu gabinete. Havia um alvoroço na esquadra há cerca de uma hora que agitava a manhã que normalmente seria calma. «Passa-se qualquer coisa no Vaticano» era a única coisa que Gabriella tinha conseguido perceber através das paredes finas — mas tinha-o ouvido várias vezes, cada vez com mais vigor. O seu interesse pessoal em assuntos da Igreja era o suficiente para a ter levado à Internet uns minutos antes, só para saber o que era. E, contudo — ironia do destino —, no preciso momento em que o seu dedo se preparava para carregar no botão de iniciar o computador, o seu supervisor apareceu à sua porta. D'Antonio em pessoa, em toda a sua glória oleosa, com uma pilha de documentos debaixo do braço. Três novos processos. Urgentes.

— Apresente-me o relatório dentro de 30 minutos com uma atualização da situação.

*Urgente.*

Era a anedota da semana. Nada que D'Antonio entregasse à Inspetora Fierro era urgente.

Mas ele não deixava de ser o seu chefe. Gabriella tirou o dedo do computador. O monitor continuou escuro. O burburinho lá fora ia ter de esperar.

Sede do jornal *La Repubblica*: 9h40

À primeira vista, a história parecia a Alexander uma decepção, e imediatamente começou a suspeitar que o seu editor estava a usá-la para o castigar. Em termos de interesse público, havia muito mais atividade online sobre a recente morte de Abigaille Zola a surfar, uma atriz em início de carreira cujos fãs invadiam a Internet expressando o seu pesar. Era esse tipo de material inconsequente que estava nas primeiras páginas deste país. Todos os nomes da moda e todas as celebridades, mesmo mortas, faziam grandes notícias.

Em sinal contrário, os primeiros relatos que chegavam do «burburinho» a que o editor de Alexander se referia não pareciam indicar nada senão que um homem tinha interrompido a missa papal de domingo de manhã.

*Céus! Vamos já publicar isto.*

Uma intrusão na sobriedade normal do Vaticano pode, talvez, valer uma referência no jornal — o tipo de escória interessantemente desinteressante que fazia com que as pessoas lessem artigos sobre os centros de embarque da Coca-Cola na Índia cujo funcionamento era perturbado, ou fábricas de produção de sabão no México que sofriam cortes de energia, apesar de não terem qualquer relevância ou impacto nas suas vidas quotidianas. Mas isto não era uma história. Se os rumores tivessem sido de que o homem tinha entrado na igreja em pelota, entoando palavras de ordem contra o Ocidente ou falando em várias línguas, de preferência levando uma faixa com a inscrição «Que se lixe o capitalismo!», talvez Alexander pudesse fazer qualquer coisa daquilo.

Mas depois tinham começado a surgir novos detalhes na sua pesquisa online. Relatos de silêncios insólitos entre os fiéis. Rumores de comportamento estranho por parte da Guarda Suíça. E quando Alexander leu as palavras «cura» e «Papa» na mesma frase no minúsculo monitor do seu telemóvel, soube que ia ser necessária mais investigação, nem que fosse só para assegurar à sua mente que não havia realmente história nenhuma aqui.

Ligou o computador surpreendentemente novo que se encontrava numa secretária que, por contraste, pedia a reforma. O velho telefone

castanho que estava no canto tinha escapado por pouco à geração onde se tinha de marcar os números por rotação do disco, o cinzeiro tinha uma imagem desvanecida em esmalte celebrando a ascensão de Giulio Andreotti à função de primeiro-ministro em 1989 e os livros mais novos amontoados sobre uma confusão de papéis foram publicados décadas antes de os e-books terem sido digitalizados. Por contraste, o portátil *Acer Aspire S7* era novo em folha. Alexander preferia o seu antecessor velhinho, com o seu monitor verde e eletrónica avançada capaz de apenas dois modos: «o processador *Word*» e o «*off*». Esse era o seu tipo de dinossauro. Mas tinha sido forçado a entrar na era da Internet e da exigência de um novo computador quando as máquinas de filmar portáteis e os telemóveis com câmaras integradas colocaram a recolha de notícias ao alcance da população em geral. Ele, como todos os outros repórteres do mundo, precisava de um computador capaz de olhar para o evento. Até tinha um *smartphone*, uma palavra quase demasiado ridícula para se dizer em voz alta quando se estava em companhia séria.

Mas significava que podia acompanhar as evoluções mais recentes na Internet, que era o que precisava de fazer neste momento. Os acontecimentos na Basílica de São Pedro tinham chegado à Internet através de várias gravações de vídeo que, por sua vez, tinham rapidamente chegado ao *YouTube* e ao *Vimeo*. No mínimo teria de perder algum tempo a observar o incidente.

Clicou num dos links do motor de busca. Encontrou pelo menos 20 resultados, o que pela primeira vez o fez parar e pensar. Fosse o que fosse que pudesse ser dito do incidente que ele estava a investigar, tinha obviamente atraído a atenção do público e muito mais do que esperava. O que quer dizer que o seu editor, em parte, tinha razão.

*Merda.*

O vídeo começou a passar e Alexander tentou engolir o seu incómodo e prestar atenção. Era uma gravação de baixa resolução feita com um telemóvel. Havia uma confusão de barulhos a sair das suas colunas de som — um coro ao fundo, a missa obviamente a desenrolar-se.

Num instante sentiu-se transportado. Estava lá: com as suas vestes, purificado, de pé em frente do altar, um jovem padre outra vez.



Cheirava-lhe a incenso, via os instrumentos de culto que lhe eram familiares, dispostos perante si. O seu tio materno, o bem-amado Cardeal Rinaldo Trecchio, que o tinha ajudado a chegar à vida clerical, estava de pé ao seu lado, radiante de orgulho. Tudo lhe era familiar. *Conhecido*. E naquele momento tinha novamente uma fé firme.

A recordação abalou-o. Tudo na vida de Alexander tinha em tempos sido tão firme, tão estável. Mesmo na distante escola secundária a sua fé parecia crescer de ano para ano e, com a ajuda do seu tio, tinha entrado no seminário, no verão depois de terminar a escola. Tinha tido esse tipo de apoio familiar durante todo o percurso até ser ordenado diácono e depois padre, viajando com o tio para Roma para esse fim e depois de volta para Nova Iorque, para se instalar na sua primeira missão paroquial. Tinha começado uma vida de trabalho sagrado. Uma vida que tencionava manter até morrer.

Todavia, a sua fé não era tão sólida como pensava. Alguns anos volvidos, tinha começado a vacilar. Quanto mais Alexander se envolvia na vida da Igreja, mais se apercebia da dificuldade que tinha em lidar com as ações dos homens à sua volta. Sempre tinha acreditado que aqueles que eram chamados a servir a Igreja eram bastiões de virtude, exemplos de piedade e moralidade. Quando descobriu que, muitas vezes, tinham segredos obscuros, por vezes, muito mais abissais do que os outros homens, isso destruiu-lhe a fé.

Mas neste instante, ao ouvir a música da Basílica de São Pedro através das minúsculas colunas do seu computador, voltou-lhe tudo à mente. Ele estava lá outra vez. Não tinha ficado desiludido; não estava em conflito com a sua consciência. Deixou simplesmente que a beleza o avassalasse, o inspirasse para o encher de...

O instante passou como sempre acontecia e Alexander estava de volta. Deu uma longa passa no cigarro, afastando a sensação indesejável. Dizia-se que as recordações familiares perdiam intensidade, que o tempo tudo curava, mas a experiência de Alexander dizia-lhe que estas eram apenas banais falsidades. As velhas recordações permaneciam tão traumáticas como sempre.

Forçou-se a concentrar-se no videoclip. Por cima da cabeça dos fiéis, a câmara fez uma panorâmica para a esquerda, em direção à nave central da catedral. Aí, embora uma visão clara fosse obstruída

por inúmeros corpos, a atenção da multidão tinha-se focado num homem que caminhava lentamente para a frente da igreja.

A sobancelha esquerda de Alexander ergueu-se, tomando sempre a dianteira sobre a direita — a sua reação habitual quando era surpreendido por alguma coisa.

Mesmo através do granulado monótono do vídeo, havia qualquer coisa no homem que era irresistível. Alexander inclinou-se para o monitor à medida que a cena continuava a desenrolar-se. De repente, achou a baixa resolução da gravação imensamente frustrante e desejou estar a ver isto com maior nitidez.

Os ruídos que crepitavam pelas colunas minúsculas esbateram-se quando o silêncio invadiu a multidão. Ao caminhar, o homem parecia ser acompanhado apenas pelos sons angelicais do coro.

A Guarda Suíça prostrou-se, o coro hesitou. E depois veio a cena que ele nunca podia ter imaginado. Alexander Trecchio — que tinha sido ordenado 11 anos antes naquela mesma basílica, com a cara encostada ao chão de pedra fria quando o seu corpo estava estendido em forma de cruz — observou o homem que se aproximava do Papa do outro lado do altar. Olhou-o fixamente no rosto e falou suavemente, palavras que Alexander não conseguiu ouvir.

Quando, um momento mais tarde, o Papa aleijado se manteve direito pelo seu próprio pé, Alexander sentiu calafrios.

Haviam sido muitos os intrusos no Vaticano no passado, muitos homens que diziam ser anjos ou profetas ou até Cristo regressado. Mas nenhum se tinha jamais infiltrado numa missa, muito menos tão silenciosa e pacificamente. Nenhum tinha levado a Guarda Suíça a ajoelhar-se perante si.

E nunca, mas nunca, nenhum tinha curado um Papa que estava em frente do trono de Deus.

## Capítulo 4

Roma: 9h42

Do outro lado da cidade, o sol da manhã projetava uma luz dourada pela janela do gabinete de um professor idoso e mal pago chamado Salvatore Tosi. A luz tremeluzente passava pelas lombadas de couro dos livros, pelas molduras feitas à medida e pelas imediações de um homem que tinha menos de dez minutos de vida.

As duas figuras que tinham entrado no gabinete de Tosi poucos minutos antes, inopinadamente e com toda a certeza, de forma indesejada, sabiam que a morte desta manhã havia de ser a primeira de muitas. A morte chegava a todos os homens — isso não se podia alterar. Eles só a ajudavam, quando necessário. Era trabalho necessário, sagrado a seu modo, e eles empreendiam-no com devoção.

A tarefa desta manhã tinha-lhes surgido subitamente, sendo o âmbito do trabalho encomendado potencialmente extenso, embora eles não soubessem nem os seus contornos completos nem a intenção dos seus fins. Quase nunca sabiam — só lhes era passada a informação de que precisavam para fazer o trabalho.

Era trabalho de fundo, tinham-lhes dito, para garantir «o advento de um milagre».

— Já lhe dissemos — disse uma das figuras a um trémulo Salvatore, agora firmemente atado à sua cadeira de madeira — que o seu silêncio só lhe vai trazer sofrimento. Diga-nos o que sabe. Tudo o que estava a planear usar para expor o Messias. — Era um termo estranho, mas tinha-lhes sido dito que essa era a imagem que estava em jogo. — Quanto mais depressa nos disser o que sabe, menos sofrerá.

Os pulsos amarrados de Salvatore estavam já a sangrar. Havia suor nas axilas ossudas do homem de meia-idade, as lágrimas ardiam-lhe nos olhos à medida que a sua atenção alternava entre os dois intrusos. A estranha calma de ambos tinha como objetivo perturbá-lo e estava a surtir efeito.

— Já lhes disse que não sei nada! — gritava ele com cuspo a escorrer-lhe da boca quando as palavras de pânico se lhe escaparam da garganta. — Não sei porque vieram ter comigo!

— As mentiras, Salvatore, não o vão levar a lado nenhum. Só lhe vão trazer mais dor. Só a verdade o pode libertar.

Salvatore ficou lívido.

— Não estou a mentir! Não conheço o vosso «Messias». *Não sei de que estão a falar!* Por favor!

— Se não cooperar, isto vai ter de ser... difícil — respondeu a segunda figura. O brilho nos seus olhos sugeria que isso não o dececionaria.

Salvatore suplicava.

— Digam-me o que querem. Eu posso ajudá-los. Talvez vos possa dar alguma coisa!

Fez um gesto com a cabeça para o que os cercava no gabinete. A pequena divisão académica estava repleta de uma coleção de artefactos que tinham aspeto de valer uma soma avultada — os adereços acumulados de uma vida profissional com sucesso moderado. Esculturas pequenas, aparentemente antigas. Estatuetas esculpidas. Alguns exemplares de obras de arte originais.

A calma estoica dos dois intrusos persistia. Era claro que não estavam interessados na sua quinquilharia.

— Quem são vocês? — perguntou Salvatore, agora completamente aterrorizado.

— Ficaria surpreso com a quantidade de pessoas que fazem essa pergunta — respondeu o primeiro intruso —, mas será que isso importa? Podemos ser homens, ou diabos, ou anjos. Há alguma resposta que lhe dê conforto? — Perguntou com uma ligeira curva no canto dos lábios. Seria um sorriso? *Será que homens como estes sorriem?* — Posso dizer-lhe — acrescentou secamente — que nunca confortou os outros.

A expressão de Salvatore era de pânico, embora a amargura se instalasse com as palavras do homem. Havia um pouco de piedade dentro dele e estes homens ofendiam-na. Sentia a raiva a crescer.

— Os anjos não vêm com gravatas, ameaças e... facas.

Tentou não fixar o olhar na lâmina embainhada visivelmente presente na anca do homem da esquerda.

— Já me disseram que assumem muitas formas. — A resposta era vazia de emoção. — Mas não sou teólogo.

O homem permitiu que os seus olhos ficassem presos nos de Salvatore, transmitindo o que queria dizer através do espaço tenso, já impregnado do odor a suor aterrorizado.

Depois desviou os olhos e tirou a faca do estojo de couro.

— Mas gosto dessa imagem. Anjos, mensageiros de Deus — disse ele. — Você parece um homem religioso. Pode ser que esse pensamento o ajude.

Deu abruptamente um passo na direção do assustado Salvatore, a lâmina da faca a subir-lhe até ao peito ao inclinar-se, respirando para cima da sua cara coberta de suor.

— Porque, por Deus, estes mensageiros vão fazê-lo falar.

## Capítulo 5

Sede do jornal *La Repubblica*: 10h40

*Por muito marcado que eu possa estar, ainda me sobra respeito suficiente para expor uma fraude. Mesmo uma fraude na Igreja.*

O pensamento acudiu nítido à mente de Alexander Trecchio. Havia muitas maneiras de descrever uma relação desfeita, mas nenhum termo se ajustava perfeitamente à sua relação persistente com a Igreja. Costumava caracterizá-la como disfuncional: não odiava a Igreja, mas também não a amava. É certo que já se não descreveria como um homem de fé, mas ainda restavam os laços de respeito. Pelo menos, o suficiente para expor um charlatão.

E Alexander sabia que era exatamente isso que o estranho na Basílica de São Pedro tinha de ser, apesar do que tinha visto no ecrã. Depois do invulgar êxtase do seu primeiro visionamento do vídeo do aparecimento do homem ter sido complementado por cinco clips adicionais, já Alexander tinha fumado mais um cigarro e tinha determinado três coisas em rápida sucessão.

Primeiro, não havia nada de sobrenatural no indivíduo, apesar da agitação online e da especulação desenfreada. Era pura e simplesmente um homem. Todas as outras considerações à parte, o vídeo mostrava-o claramente com calças de ganga com uma etiqueta por cima do bolso traseiro. Alexander duvidava de que a Levi Strauss tivesse uma fábrica no Além.

Segundo, era obviamente carismático, o que explicava a reação hipnotizada da multidão e do clero — em boa verdade, até o estranho êxtase que Alexander sentiu quando estava a ver as imagens. Isto tornava o homem ainda mais abominável aos olhos de Trecchio.

O carisma era uma ferramenta fácil de brandir perante os incautos, e não era preciso procurar muito para encontrar exemplos de líderes carismáticos que levaram os outros a fazer coisas deploráveis.

E terceiro, isto afinal era uma história. Alexander já não podia fingir que não era ou que o interesse por ela se dissiparia por si só. O homem mais visível da cristandade tinha sido «curado», pelo que parecia, à vista de todos. Isto iria repercutir-se por todo o mundo. O frenesi na Internet já tinha começado, com os vídeos publicados a iniciarem uma reação em cadeia de atividade dos *media* que estava a consumir a geração digital de Roma e a espalhar-se para além da cidade. Os *hashtags* do *Twitter* #EstranhoNoVaticano e #PapaCurado tinham estado a ganhar ímpeto na última hora. Já havia três páginas comunitárias criadas no *Facebook* para avaliar se o homem que tinha tido efeito sobre o pontífice era um vagabundo demente ou um visitante divino. Sem surpresa, as opiniões dividiam-se. As pessoas estavam tão ansiosas por acreditar no sobrenatural como por zombar de um falso profeta. A condição humana no seu melhor, tornada tanto mais fragmentada e facciosa quando se tratava de questões de fé.

E era esse ingrediente que tornava esta história problemática. Alexander era um homem que tinha lutado longamente com a sua própria fé antes de finalmente a abandonar. Tinha sido criado de forma demasiado católica para considerar a existência de Deus qualquer coisa que não fosse um facto, e, mesmo hoje, não arriscava a audácia de dizer que não acreditava em Deus. Era demasiado próximo do seu tio, o cardeal que tinha tolerado o afastamento de Alexander, mas que nunca suportaria «esse tipo de disparate derrotista». Mas Alexander decididamente não acreditava na Igreja. Tinha estado demasiado envolvido com a vida eclesial para não ficar marcado por ela, e as cicatrizes psicológicas que daí resultaram provavam ser tão permanentes como a variedade física. Ele tinha visto os piores dos homens reclamarem o melhor de Deus, e isso tinha-o afastado cada vez mais.

Mesmo assim, o que ficou não era ódio. Tinha deixado de ser padre, tinha-se afastado do abraço de uma instituição a que muitos chamavam Mãe, e a sua fé — o que quer que isso quisesse dizer — tinha-se dissipado até ser apenas uma recordação. Contudo, permanecia uma frágil ligação. E o homem que estava ao leme desde a sua

partida parecia um pontífice decente e bem-intencionado. Foi pena não ter aparecido mais cedo.

Todavia, esse mesmo facto fazia emergir uma quarta curiosidade, que deixava Alexander muito mais incomodado do que as outras três: qual era o envolvimento do Papa nisto tudo? Alexander tinha visto o homem pôr-se de pé com os seus próprios olhos — um ato que todo o mundo sabia que era impossível. Mas este era o Papa, não um elemento do público comprado pelo curador vigarista. Os católicos de todas as nações do mundo sabiam da doença que o afligia desde a infância, sabiam a história da sua luta contra a dificuldade física de ir mais longe na vida da Igreja. Há décadas que estava sob o escrutínio público. Sempre aleijado. Sempre fisicamente afetado.

*O que diabo se está a passar?*

Fosse o que fosse, tresandava a fraude. Enquanto fora padre, Alexander tinha visto demasiados doentes morrerem para acreditar que Deus curava espontaneamente os que sofrem. As coisas que tinha testemunhado e a que estava disposto a chamar milagres tinham sempre sido interiores: a transformação da dor em paz, a tranquilização dos corações destroçados pelo sofrimento. Segundo a experiência de Alexander, Deus tendia a ser um ator silencioso, não um ilusionista que fazia habilidades de salão, mesmo que o pano de fundo fosse o Vaticano.

Tudo isto queria dizer que algo estava a acontecer. Alexander soube instintivamente que as suas hipóteses de chegar a algum lado com a cúria eram nulas. A Igreja não tinha fama de falar com a imprensa, mesmo num dia bom. Isso significava que não havia comunicação direta com o magistério, o que, por sua vez, significava que não ia chegar a lado nenhum se se concentrasse diretamente no Papa.

Tinha de ir atrás do estranho e ver o que conseguia descobrir sobre o homem.

Estranhamente, essa tarefa inspirava um forte zelo no seu íntimo. Quase não sabia como o interpretar. Mas era a primeira vez, de que se lembrava, que Alexander se sentia entusiasmado com o seu trabalho.



## Capítulo 6

### Palácio Apostólico, Cidade do Vaticano: 11h09

— Cardeal Viteri, entre — convidou o Papa, falando alto para que a sua voz soasse no extremo oposto da grande sala. Uns segundos mais tarde, uma porta de madeira deslizou para o lado, abrindo-se, e a forma familiar do seu Secretário de Estado entrou no escritório, fechando a porta atrás de si. Viteri não disse nada e caminhou solenemente para o pontífice. O Papa observou a sua aproximação em silêncio contemplativo.

Sua Santidade o Papa Gregório XVII de Roma estava sentado no trono de São Pedro há menos de 12 meses, e a sua vida já tinha mudado mais vezes do que ele conseguia articular. Tinha mudado no momento da terceira volta da votação do conclave, com os frescos da Capela Sistina de Miguel Ângelo elevando-se majestosamente por cima deles, e os odores da antiguidade a encherem o espaço, quando o voto decisivo foi lido em voz alta pelo Cardeal Dean a partir de um pedaço de papel depositado no cálice. A muito especulada possibilidade de ser nomeado o próximo bispo de Roma e Sumo Pontífice da Igreja tornou-se, nesse instante, realidade.

Tinha mudado no momento em que lhe impuseram as vestes brancas pela primeira vez, quando lhe cobriram os ombros de escarlate e o conduziram à varanda da Basílica de São Pedro para se dirigir às pessoas. No momento em que o Cardeal Antonio Pavesi, assim conhecido antes do conclave, desapareceu e o Papa Gregório foi apresentado ao mundo. Tinha posto os olhos na multidão nessa tarde, ela própria apenas uma pequeníssima fração do seu rebanho de biliões, e sentiu o peso da grande responsabilidade que Deus lhe tinha dado.

Mudou naquelas primeiras semanas do seu papado, quando se familiarizou mais intimamente com o funcionamento interno da cúria — o bom e o mau — e tomou consciência de que lhe cabia, a ele, chamá-la a um padrão de vida mais elevado.

Também tinha mudado na manhã em que celebrou a sua primeira Missa Solene como Papa sobre os ossos do chefe dos Apóstolos, São Pedro, sepultado em glória sob a majestosa cúpula da basílica que tinha o seu nome. A igreja estava apinhada, com todo o mundo a ver e, nesse momento, Gregório sentiu-se mais próximo do Céu do que nunca nos seus 39 anos de ministério.

E mudou esta manhã, quando, durante o serviço angélico, o viu.

O Papa não sabia o que chamar ao homem que apareceu diante de si durante a missa. Não sabia o que pensar sobre ele. Não sabia como interpretar o fogo estranho e inexplicável que lhe queimava o coração. Só sabia que, nesse momento, se sentou direito, algo que nunca tinha acontecido antes. Que tinha caminhado sozinho para os seus aposentos, pela primeira vez na sua vida. Que conseguia estar de pé, ereto. Recuperado. *Curado*.

Que Deus estava de alguma maneira a falar com ele. Era aterrador e inspirador.

— Quero que todos os cardeais sejam chamados ao Vaticano — anunciou ao seu Secretário de Estado quando o homem alto chegou à sua secretária. — Quero-os aqui dentro de 24 horas, no máximo.

— Vossa Santidade — respondeu o Cardeal Viteri, abanando a cabeça quase calva, aparentemente surpreendido pela ordem súbita —, vai levar mais tempo do que isso para fazer tais preparativos.

— Seja célere, Donato — respondeu o pontífice. — Quero-os aqui agora.

Não sentiu necessidade de se explicar perante o cardeal mais velho.

— Como Vossa Santidade quiser.

Instalou-se um silêncio longo e tenso.

— Já isolei a Cidade do Vaticano — acabou por acrescentar Viteri. — Vamos estar sozinhos dentro destas paredes tanto tempo quanto entender necessário.

— Muito bem — murmurou o Papa. Os seus olhos estavam noutra sítio.

— Quer chamar mais alguém?

— Não. — Olhou para o Secretário de Estado. — Mandé os bispos cuidar do funcionamento das igrejas. Dê instruções para que todas as paróquias em todo o mundo celebrem uma missa por intenção.

Viteri hesitou. Um pedido global de missas dedicadas a causas específicas não era feito com ligeireza, nem com muita frequência.

— Por que intenção exatamente, Vossa Santidade?

O Papa Gregório olhou para lá dele, para um crucifixo de madeira na parede do outro lado do seu escritório. Essa era uma pergunta. *Pelo quê?* Suspirou levemente. Por agora, só podia haver uma resposta.

— Para que se revele a vontade de Deus.

A catedral do Vaticano tem a sua lotação completamente esgotada, num dia em que o Papa Gregório XVII celebra uma missa. Um estranho encapuzado dirige-se rápida e temerariamente na direção do altar e ordena ao Papa, que está preso a uma cadeira de rodas, que se erga.

O Papa ergue-se.

O milagre deixa o mundo siderado.

## QUEM É ESTE ESTRANHO COM TANTO PODER SOBRE O PAPA?

À medida que mais milagres acontecem e que o Vaticano encerra as suas portas ao mundo por questões de segurança, a agente policial Gabriella Fierro e o jornalista Alexander Trecchio embarcam numa investigação perigosa para encontrar uma explicação que acalme uma nação à beira da histeria.

## SERÁ ESTA A SEGUNDA VINDA DE CRISTO OU O SINAL DO FIM DOS TEMPOS?

«*Dominus* é um thriller cheio de ação e reviravoltas, com um mistério intrigante na sua raiz, e que garantidamente nos vai fazer virar as páginas a uma velocidade furiosa desde a deslumbrante sequência inicial até ao impressionante final.»

*Lancashire Evening Post*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-13-8



9 789898 839138

Thriller